

Zingari

Em Roma, é praticamente impossível andar de metrô, de trem, de bonde, e não topar com eles. A atenção ao jornal ou à paisagem na janela é interrompida pela breve saudação em forte sotaque estrangeiro, ao mesmo tempo em que instrumentos musicais são retirados de mochilas e bolsas. Começam então a tocar e cantar em meio ao vagão, num espetáculo que precisa ser rápido, olhos e ouvidos atentos à possível intervenção da segurança do sistema de transportes, que quando os surpreende obriga a parar e a descer.

O copinho é passado ao fim da apresentação-relâmpago, e ao depositar a moeda a pergunta “de onde vêm?” recebe sempre a mesma resposta: romenos, todos, aparentemente sem exceção. E, naturalmente, ciganos. O que não é dito mas está implícito.

Tocam violino, acordeom, címbalo, guitarra, gaita, e alguns portam também à cintura o modernoso acompanhamento de uma bateria eletrônica. Um repertório que não varia muito: O Sole Mio, La Cumparsita, Cielito Lindo, Torna a Sorrento, a Marcha Turca de Mozart, Besame Mucho. Às vezes, também, uma canção cigana. Poucas, infelizmente. Tudo misturado e emendado, atendendo, no limite de tempo entre duas estações, ao que imaginam ser o gosto do público.

Ouve-se também, frequentemente, o Tico-Tico no Fubá, que sabem ser do Brasil. Além de uma original versão de “Água de beber” com violino e acordeom, ouvida uma vez a caminho da *Piazza del Popolo*.

Embora alguns sejam músicos estupendos, a qualidade da execução

Foto: Helion Póvoa Neto



nem sempre é das melhores. Sem falar nos que apelam, como aquele casal com uma criança de colo que, enquanto o pai sola sofrivelmente na gaita o “Cielito lindo”, a mãe instiga a menina – que não deve nem saber falar – a fazer o “ai, ai, ai ai”.

Alguns passageiros torcem o nariz, fazem qualquer comentário hostil ou abrem a janela para arejar o ambiente, insinuando que os artistas não primam pela higiene pessoal. Mas há também olhares atentos, sorrisos contidos de satisfação, e muitos contribuem com um trocado, reconhecendo que a música ajuda a entreter a viagem. O que não elimina um juízo bastante generalizado de que os *zingari* são, além de sujos, *tutti ladri*. Enganadores, raptos de crianças, hipnotizadores. Uma gente que colore um pouco a ocre paisagem romana, mas em quem não se deve confiar. Opinião por sinal compartilhada tanto pelos italianos quanto pelos romenos não-ciganos, indignados com a possibilidade de serem confundidos com “aqueles”.

Que na sua maior parte habitam barracas precárias e *trailers* nos campos nômades da periferia, visíveis da janela dos trens pendulares. São áreas degradadas, próximas aos grandes eixos viários de acesso a Roma, onde predomina uma relação tensa com os vizinhos, com casos de expulsões violentas e de acampamentos incendiados.

Foto: Helion Póvoa Neto



Os assentamentos, porém, não param de se expandir e multiplicar. Mesmo rejeitados, os ciganos continuam a chegar do Leste, onde por décadas se ofereceu a imagem do Ocidente capitalista como terra das oportunidades. Buscando por vezes a concessão de asilo político, ou simplesmente enfrentando a situação de ilegalidade, saem de terras nas quais seus antepassados foram vendidos e escravizados por séculos, durante um período por sinal quase coincidente com o da escravidão africana na América. Onde, aliás, os ex-escravos também se notabilizaram, entre outras coisas, pela arte musical. Mas essa é outra história.

Quem mora em bairro distante e vai para casa tarde da noite também os encontra nos ônibus, carregando os instrumentos depois de um dia de trabalho, e às vezes ameaçando transformar a viagem numa improvisação coletiva, liberados que estão, a essa hora, de tocar apenas o trivial mais conhecido dos italianos. E, aí sim, executam algumas peças dos *taraf*, grupos de músicos das aldeias na Romênia. Quando isso acontece, fica difícil descer no ponto certo, a tentação é seguir viagem ao lado deles. Muitas vezes, confesso, fiquei dividido.

Talvez nos campos nômades toquem noite adentro, cantando em sua própria língua, talvez dancem junto à fogueira. Quem sabe? Acompanhada dos estereótipos sempre presentes, persiste a curiosidade, quase fascínio, que despertam. Como indesejáveis, invasores, mas também como a surpresa sonora que surge em meio ao trem superlotado.

Um mundo que parece impenetrável, um caráter que suscita desconfiança. Mas o copo de papel, apresentado no fim, bem que merece a moedinha. *Grazie, buon viaggio signore.*

Helion Póvoa Neto
Roma, maio de 2003

